



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA DE OLIVEIRA DA SILVA

UM ESTUDO SOBRE A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA: UM MEIO DE  
DISCRIMINAÇÃO

MATINHOS

2015

PRISCILA DE OLIVEIRA DA SILVA

UM ESTUDO SOBRE A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA: UM MEIO DE  
DISCRIMINAÇÃO

Artigo apresentado ao Curso de  
Especialização Educação em Direitos  
Federal do Paraná.

Orientador: Dr<sup>a</sup>. Juliana Quadros

MATINHOS

2015

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo primeiramente traçar um breve panorama histórico acerca da fundamentação da Sociolinguística Variacionista, bem como seu histórico e seus maiores representantes. A principal meta desse projeto é demonstrar a discriminação social que ocorre diariamente por meio da linguagem e também reconhecer que é um dos preconceitos mais sutis que acaba classificando as pessoas. Tendo em vista que a análise sociolinguística vai além de uma estrutura gramatical, a pesquisa foi sustentada por entrevistas diretas com os falantes, para assim poder melhor explicar quais são os preconceitos, a que classe social ele se agrava e de que maneira ele afeta o falante.

Palavras-Chave: Preconceito, falante, discriminação, sociolinguística.

## **ABSTRACT**

This paper aims first to trace a brief historical overview on the grounds of Sociolinguistics Variationist as well as its history and its greatest representatives. The main goal of this project is to demonstrate the social discrimination that occurs daily through language and also recognize that it is one of the most subtle prejudices that ends up classifying people. Considering that the sociolinguistic analysis goes beyond a grammatical structure, the research was supported by interviews directly with the speakers, so as to better explain what prejudice, what social class it escalates and how it affects the speaker.

Keyword: Prejudices, speaker, discrimination, sociolinguistics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	7
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	12
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	13
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	14
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	15
<b>ANEXOS</b> .....	16

## 1 INTRODUÇÃO

Com base na observação dos relatórios realizados com os falantes foi observado o constrangimento que os mesmos respondiam algumas simples perguntas como “ Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?”, “você acha que devemos falar como escrevemos?”, “você já foi discriminado pelo seu modo de falar?”, todas essas indagações suscitaram este estudo, pois pela ignorância de alguns, pessoas estão sendo separadas pela sua variedade e isso vem causando danos a sociedade que mais uma vez com sua sutileza classifica um determinado grupo de pessoas por sua variedade linguística.

Todo este trabalho será baseado nas coletas de dados realizadas com os falantes, para assim, poder identificar da melhor forma os aspectos sociais que influenciam tais formas verbais, e porque tais expressões são motivo de tantas diferenças, sendo que a língua é algo natural de cada falante e não algo que é imposto por um grupo determinante.

Quanto a análise dos fatores sociais, serão observadas as seguintes variáveis: escolaridade, faixa- etária, idade, sexo. Desta forma o presente trabalho irá avaliar essas variáveis sociais identificando o quanto esses aspectos influenciam na produção das formas verbais do cotidiano dos falantes.

Os objetivos deste trabalho foram:

- Identificar quais os fatores sociais que fazem com que essas pessoas passem por esse tipo de constrangimento.
- Investigar por que essas pessoas acham que falam errado, e por que aceitam serem excluídas.
- Demonstrar através deste estudo que não existe “falar certo” ou “falar errado” dentro da nossa língua e do nosso contexto social, o que existe é uma variedade/ diferença linguística que difere de acordo com algumas variantes sociais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Alkmim (2007), o termo Sociolingüística surgiu em 1964, em um Congresso organizado por William Bright, na Universidade de Califórnia em Los Angeles (UCLA), onde estavam presentes vários estudiosos da língua e dentre os quais destacaram-se: John Gumperz, Einar Hagem, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

Ao organizar os trabalhos apresentados no congresso e ao escrever o texto introdutório “As dimensões da Sociolingüística”, Bright (1974) apud Alkmim (2007) estabeleceu a nova corrente de estudos.

Essa linha de estudos surgiu para romper as barreiras estruturalistas impostas pelo lingüista Saussure, o qual teve um papel decisivo para os estudos da linguagem, no entanto se restringiu a aspectos internos da língua, ocultando os aspectos extralingüísticos.

A Sociolingüística, como ciência, define como objeto de estudo, a língua materializada, falada, através de diversas fontes quantitativas a serem investigadas em relação a heterogeneidade da língua. Tarallo (1986:19) define a língua falada como “o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face.” Ele demonstra que a língua que é estudada dentro das correntes da Sociolingüística é a língua comum que falamos, sem ter a preocupação de estar produzindo algo que esteja prezo a normas.

A Variação Lingüística como objeto de estudos tem a finalidade de analisar as variedades produzidas em diversas comunidades, considerando que aspectos levaram a sua utilização. Alkmim (2007) demonstra fatores a serem considerados (classe social, idade, sexo, situação ou contexto social) para se fazer uma pesquisa quantitativa, e observar o porquê de suas variações no uso corrente da língua.

Conforme Mollica (2003:11),

“Vale frisar que o termo “variável” pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Estes consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. As variantes podem permanecer estáveis no sistema (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso”.

Deste modo as formas verbais continuam se alternando, se criando e até mesmo desaparecendo do meio social. E a língua se torna um fenômeno em variação.

Conforme Mollica (2003), os níveis de variação, são divididos em duas partes, os de natureza interna que são os fatores fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. E as variáveis externas que referem-se a aspectos relacionados “indivíduo x sociedade” como: Etnia, sexo, escolarização, nível de renda, profissão, classe social, grau de formalidade e tensão discursiva.

Quanto às variáveis internas, Camacho (2007) cita como exemplo do nível de variação o fonológico, mostrando a alternância entre as diversas pronúncias do [r], e sua ausência como: “falá”, “comê”, essa variação está classificada como sonora. Já o nível morfológico, observa-se as diferenças entre os sufixos das expressões como “salaminho” e “salamito”. Já para o nível sintático refere-se as expressões que exprimem relação “A moça de quem você falou estuda no colégio” x “A moça que você estuda no colégio” x “A moça que você falou dela estuda no colégio”. E por fim na variação lexical existe uma identificação geográfica que influencia nas formas utilizadas pelas pessoas “aipim/mandioca”, “vina/salsicha”.

No que diz respeito às variáveis externas ou extra-linguísticas, Camacho (2007) apresenta as variáveis geográficas/dialetais, que se referem à variação de acordo com a região do falante. As variáveis de registro ou estilísticas, referem-se ao grau de formalidade que o falante determina para repassar a mensagem. Já em relação aos fatores como: sexo, escolarização, nível de renda, etnia, profissão são o que vão determinar, a variedade padrão ou de prestígio.

Tarallo (1986:47) afirma que quanto mais dados extra-linguístico, mais informação se obtiver do informante, melhor será o resultado de sua pesquisa



“[...] , você acabará concluindo que os parâmetros externos mais óbvios são exatamente aqueles que provam ser significativos em relação variável”

Dentro de uma comunidade, existem certas variações que atribuem valor lingüístico de acordo com relações exteriores, ou seja, relações econômicas e sociais. Gnerre (1985), apud Alkmim (2007:39), ressalta essa idéia, quando afirma que “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Nessa perspectiva, as relações de poder estão diretamente relacionadas a determinação da variante padrão estabelecida na sociedade, ou seja, o grupo social que detém o poder, também, determina o uso lingüístico padrão. A alternância de poderes determina que:

“o que é padrão pode tornar-se não padrão pode ser estabelecido como padrão”. [...] Consideremos, a propósito, os seguintes exemplos do século XVI: “As formas ‘dereito’, ‘despois’, ‘frecha’, ‘premeiramente’, hoje desabonadas são encontradas no texto da carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500. (Alkmim, 2007: 40, 41).

Pode-se perceber, desta forma, que a língua é algo que não se pode restringir a tempo, pois ela está numa constante mudança. Não existe “falar certo” ou “errado”, o que existe é simplesmente uma variação passível de entendimento. Essas manifestações, isto é, a língua falada considerada “errada” são valores culturais que são atribuídos pela sociedade como “certo”.

Combatendo os pressupostos teóricos da doutrina Formalista, surge outra corrente de pensamento, o Funcionalismo, cujo foco principal era o de analisar a língua como uma entidade dependente de outros fatores, dentre eles, o uso interativo da língua em relação ao funcionamento nos contextos sociais. Assim se destacou a idéia de função e a língua passou a ser entendida como um sistema funcional. Nesse sentido, Martelotta (2006), apud Martins (2009), destaca as duas grandes correntes que influenciam os estudos lingüísticos: uma que baseada numa abordagem estrutural da língua, como autônoma - o Formalismo, e outra, numa abordagem funcional – o Funcionalismo.

Quanto ao funcionalismo, sua idéia central é perceber que as funções externas à linguagem são as principais influenciadoras da estrutura gramatical.

Para se formar uma estrutura verbal depende exclusivamente de funções extralingüísticas, a língua só poderá ser explicada e analisada, se for levada em conta o ato da comunicação e seus meios.

De acordo com Pezatti (2007), o princípio do funcionalismo é considerar a descrição de expressões lingüísticas em relação a seu funcionamento em contextos sociais específicos, subordinando o estudo da língua ao uso.

Bagno (2007) fala a respeito da confusão que foi criada entre língua e gramática:

“O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa- mundi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.”

O grande problema está em igualar língua e gramática, pois são elementos distintos, que quando analisado num mesmo nível gera o preconceito. Este que acaba sendo um dos mais súteis e que vai sendo levado despercebido por quem gera a discriminação, porém ao que sofre a ação nunca mais é esquecido.

De acordo com Bagno (2007), as grandes extensões territoriais geram as diferenças regionais, e acabam gerando o preconceito mas, umas das causas principais é a injustiça social que torna o Brasil o 2º país com pior distribuição de renda e, são essas diferenças que causam um abismo lingüístico entre os falantes.

Bagno (2007) faz um relato sensasional em relação a educação e como esse fator reflete no preconceito:

“Como a educação é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existe milhões de brasileiros se terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua...Se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não tem acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos...orgãos do poder- são os sem língua.”

Toda essa diferença entre posição social reflete em vários parâmetros da nossa sociedade, esta que é profissional em “rotular” pessoas por um determinado variante. Como a suposta língua “cultura”, é limitada as pessoas que

tem acesso ao poder, todas as outras variantes linguísticas são identificadas como linguagem de menos prestígio, ou são capazes de dizer que esses falantes falam errado. Quanta discriminação em não respeitar a língua de cada comunidade, cada região, cada indivíduo.

É intrigante como as pessoas insistem em dizer que “o português é difícil”, isso deve-se a insistência em não colocar como foco o falante. Bagno (2007), vai dar um exemplo muito claro sobre essa questão, o da regência verbal:

“O professor pode andar o aluno copiar quinhentas mil vezes a frase: “Assisti ao filme”. Quando esse mesmo aluno puser o pé fora da sala de aula, ele vai dizer ao colega: “Ainda não assisti o filme do Zorro!” Porque a gramática brasileira não sente a necessidade daquela preposição a, que era exigida na norma clássica literária, cem anos atrás, e que ainda está em vigor no português falado em Portugal, a dez mil quilômetros daqui!”

É ignorante a ideia de pensar que temos uma língua brasileira única e homogênea, toda essa teoria é algo que está totalmente implantado na cultura que que “rotula”, e as pessoas passaram a acreditar que “falam errado”, desmerecendo sua “língua mãe, sua língua raiz”. Com isso surge o preconceito linguístico que toda e qualquer variação a língua elitizada, se torna feia, errada, desfavorecida, carente, pobre, quando na verdade é diferente da língua ensinada nas escolas.

Deve-se saber separar língua de escrita, pois cada uma tem sua particularidade, a língua é variável, heterogênea. Já a escrita deve ser única porém é necessário respeitar a interpretação e pronúncia de cada falante. Bagno (2007), completa que seria “mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer Bunito ou Bonito, mas que só pode escrever Bonito, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua”.

Toda língua deve ser baseada no respeito as variações de cada falante e, principalmnete sabendo separar que língua é algo que é particular e escrita é algo único para haver uma organização. Para que desta forma pessoas não possam mais ser redicularizadas por seu modo de falar, e sintam orgulho de sua língua e não desfavorecimento por sua determinada classe social.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO**

Considerando a perspectiva adotada no trabalho, de que toda análise sociolingüística, deve- se ao meio, a função, ao contexto enfim, para a análise foi priorizada a coleta de materiais na forma de entrevistas com os falantes.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a análise dos dados será utilizada a teoria do funcionalismo como base, para demonstrar que as funções externas a linguagem vão além de uma estrutura gramatical.

Para se formar uma estrutura gramatical depende muito de funções extralinguísticas. A língua só poderá ser explicada e analisada, se for levado em conta o ato da comunicação e seus meios.

De acordo com os questionários, os falantes têm o conceito errôneo de que a língua e a escrita devem ser iguais, e a partir dessa ideia já classifica e “rotula” grande parte das pessoas.

Os próprios entrevistados reconhecem que os mais favorecidos financeiramente têm mais oportunidades de estudar e, por terem mais acesso a norma culta das escolas, e pelo contato com a linguagem elitizada, falam corretamente, mais “bonito”.

A grande maioria dos entrevistados já sofreram “aqueles preconceitos sutiz”, que os classifica como inferiores aos que falam supostamente “a norma culta” e com isso foi identificado nas entrevistas que todos acham que existe “falar certo” e “falar errado”, conceito que vem sendo levado por muitos anos e que acaba por desfavorecer os que tem uma classe social mais baixa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado constatou que ainda existem muitos conceitos equivocados que fazem parte da cultura brasileira, e que a verdadeira identidade da língua precisa ser divulgada, revelada a todas as pessoas, para não gerar mais um instrumento de discriminação na sociedade.

Dessa forma foi comprovado que o preconceito linguístico é um dos mais sutis praticados, porém é um que vem sendo carregado por décadas, devido a uma ideia errônea de não saber diferenciar língua de escrita e isso acaba sendo mais uma “alavanca” para desfavorecer pessoas.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo, Loyola, 2007.

ALKMIN, T. M. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo, 2007

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo, 1986.

MOLLICA, M. C. **Introdução a Sociolingüística- O tratamento da variação**. São Paulo, 2003

CAMACHO, R. G. Sociolingüística – parte II, In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo, 2007

MARTINS, A. P. P. **Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, 2009.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: Anna Cristina Bentes; Fernanda Mussalim. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo, 2007.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO

Entrevista nº 01

Data da Coleta: 02/05/2015

#### 1. Sobre o local

Cidade: Paranaguá.

Endereço / Bairro: Paranaguá

#### 2. Sobre o informante:

Nome: Kathia Mendes Alves

Idade: 32

Escolaridade: superior incompleto

#### 3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Sim, o vocabulário deles é simples e por isso falam tudo errado.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Não

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, dão muita risada, pois eu falo um pouco diferente, porque nasci na ilha.



Entrevista nº 02

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Curitiba/ atual Paranaguá.

Endereço / Bairro: Comerciário

**2. Sobre o informante:**

Nome: Leonilda Ortiz de Oliveira

Idade: 66

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não, quem não tem estudo, não tem essas coisas de falar certo.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Depende do lugar, mas os mais pobres falam mais errado.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Sim, é mais bonito

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, os meus chefes gostavam de me ouvir falar, eu falava e eles mandavam eu repetir e davam risadas.

Entrevista nº 03

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Curitiba/ atual Paranaguá.

Endereço / Bairro: Comerciário

**2. Sobre o informante:**

Nome: Silviani Ortiz de Oliveira Preto Cardoso

Idade: 35

Escolaridade: Ensino médio incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não mas, procuro não falar errado.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. A grande maioria.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Sim.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Que me lembre não.

Entrevista nº 04

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Curitiba/ atual Paranaguá.

Endereço / Bairro: Comerciário

**2. Sobre o informante:**

Nome: Luiza Ferreira Preto Cardoso

Idade: 17

Escolaridade: Ensino médio incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não, só para escrever.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Acho que não.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Seria o correto mas não falo.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, por falar muito rápido.

Entrevista nº 05

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Assis Chateaubreand/ atual Paranaguá.

Endereço / Bairro: Comerciário

**2. Sobre o informante:**

Nome: Marcos Preto Cardoso

Idade: 42

Escolaridade: Ensino médio incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Sim, porque as oportunidades são menores.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Não, dando para entender tá bom.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, por eu ser da região do norte e por isso falo muito devagar e cantado.

Questionário nº 06

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Paranaguá.

Endereço / Bairro: Comerciário

**2. Sobre o informante:**

Nome: Jean Franco de Angelis Matilde da Silva

Idade: 31

Escolaridade: Superior Completo

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Sim, a maioria pelo convívio, pelo local onde vivem.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Não.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, mais na fase de adolescente.

Questionário nº 07

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Paranaguá.

Endereço / Bairro: Cominese

**2. Sobre o informante:**

Nome: Thaiz Mariel de Meira Matilde

Idade: 27 anos

Escolaridade: Ensino Médio incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Procura falar o português correto.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Com certeza até porque os ricos têm mais estudo.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Não.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Algumas risadas.

Questionário nº 08

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Rio Branco /atual Paranaguá.

Endereço / Bairro: Nilson Neves

**2. Sobre o informante:**

Nome: Ivanir de Meira Matilde

Idade: 53 anos

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Quando eu lembro sim.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Sim, porque não tem as culturas dos ricos.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Nem sempre depende com quem estamos conversando.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, com a família e amigos evita falar algumas palavras para não errar.

Questionário nº 09

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade: Morretes /atual Paranaguá.

Endereço / Bairro: Divineia

**2. Sobre o informante:**

Nome: Josélia Rodrigues da Luz Oliveira

Idade: 55 anos

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Sim, porque eles não têm muito estudo.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Acho que sim.

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, por falar algumas palavras desconhecidas para as pessoas com quem estava conversando.



Questionário nº 10

Data da Coleta: 02/05/2015

**1. Sobre o local**

Cidade:Paranaguá.

Endereço / Bairro: Divineia

**2. Sobre o informante:**

Nome: Gisele Rodrigues da Luz Oliveira

Idade: 33 anos

Escolaridade: Superior Completo

**3. Sobre a língua falada e o preconceito linguístico:**

3.1. Você utiliza a norma culta na sua língua oralizada diariamente?

R. Não.

3.2. Você acha que as pessoas sem instrução, falam tudo errado?

R. Sim, porque as oportunidades para eles são menores.

3.3. Você acha que devemos falar como escrevemos?

R. Acho que não, porque são muitas regras

3.4. Você já sofreu algum preconceito pelo seu modo de falar (risadas, sarros, comentários)?

R. Sim, algumas risadas por falar muito rápido, e falar algumas palavras que eles não conheciam.

